

CEDI**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte:

Folha de São Paulo

Class.:

Data:

23.03.92

Pg.:

Pelo narcisismo roxo, de colares e miçangas

Especial para a **Folha**

Não sei se vale para todos os índios, mas na nação Kaiapó, cuja cultura conheci a fundo, os homens são mais vaidosos que as mulheres. O narcisismo beira o exagero aos olhos de um homem branco reprimido como eu: uma infinidade de miçangas, colares, penas, adornos, pinturas etc. Roxo é a cor preferida.

Os Araras, tribo Kaiapó das mais primitivas, vestem uma touca afetada cheia de penas. Gastam horas se pintando. Com todo o respeito, parecem um bando de maricas. Carregam bordunas fálicas cuidadosamente esculpidas. Quando vem gente de fora, cantam e dançam como na Sapucaí. Adoram aparecer. Sting e sua laia que o digam.

Para nós, não índios, ocidentais, herdeiros do positivismo, homens do conhecimento e machistas, cabe às mulheres aparecer com colares e pinturas. Algumas delas aceitam com deleite o papelão que lhes é oferecido e balançam sua genitálias na Sapucaí, exibem seus corpos em revistas masculinas e desfilam, nas passarelas, seus dotes físicos. Aos homens cabem pensamentos, idéias e decisões. Poucos homens requebram os quadris na frente das câmeras. Mas o mundo está mudando e os papéis se misturando.

Quando leio "À literatura cabe...", "Dramaturgia deve...", "Ser um verdadeiro poeta é...", me lembro daqueles indigestos adesivos grudados em agendas de adolescentes: "Amar é..." Geralmente, "À literatura cabe..." precede um dito de um

poeta, ou escritor, ou filósofo que, dependendo da sua importância e o quanto é considerado "chique", é levado à sério.

É o exibir-se masculino culto, não com miçangas e pinturas, mas com palavras. A irreverência brasileira já inventou um deboche para isso: "papo cabeça". Nada cabe à literatura. Ser poeta é ser tudo. Amar é tanta coisa...

Tudo já foi dito, tudo já foi escrito. Muitos escritores reclamam da carência de mitos, histórias e dramas humanos ainda inéditos. Quando se pensa em escrever um livro, descobre-se que muitos livros retrataram histórias semelhantes. O excesso de livros, filmes, peças e, até mesmo, novelas de televisão, eliminou a originalidade. O pós-modernismo, movimento que se utiliza de obras prontas e refaz mitos, talvez seja a resposta de uma época sem novidades.

Nós somos o que somos ou a imagem que criamos? Há, no mundo de hoje, um esgotamento de todas as imagens. Até mesmo ser original no dia-a-dia está difícil: roqueiro igual a irreverente; escritor igual a tímido; diretor de teatro igual a excêntrico. Uma "personalidade" é cópia, ou montagem, de muitas anteriores. O falso torna-se visível e o mundo perde a graça.

Talvez devêssemos abandonar nossas citações, conhecimentos etc., que nada mais são do que artifícios do nosso narcisismo; e nos pintar de roxo, sem esquecer miçangas, penas e cia. Ltda. Tem vezes, caro amigo, que um livro é só um livro.